

EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA IMAGEM EM OFICINA DE LEITURA E ESCRITA

Marcos Antônio de Oliveira Santos (UNEB)
marcos.jacobina@hotmail.com

Mônica Santos Silva (UNEB)
monica-ssantos@hotmail.com

Durante nossas experiências como bolsistas de iniciação à docência e graduandos, percebemos que no decorrer do processo de aprendizado, o ambiente escolar, desde o menor ao maior carece de algumas necessidades a serem supridas. Mesmo que muitas vezes esses anseios sejam mínimos, ainda assim é de suma importância o envolvimento ativo dos atores do processo educacional de modo a contribuir para uma melhoria nas mais diversas áreas trabalhadas nas instituições de ensino. Levando isso em consideração, percebemos que o Colégio Estadual Normal Arnaldo de Oliveira em Caém – BA investe em programas que venham a somar à instituição, bem como ao crescimento da mesma. Por conta disto, o Colégio supracitado investiu e acolheu o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid, como uma das ferramentas de auxílio para o progresso e ascensão da educação neste colégio.

O Pibid é um projeto financiado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e tem como finalidade oferecer bolsas de iniciação à docência a alunos graduandos de cursos de licenciatura, bem como bolsas para professores coordenadores e supervisores do projeto, os quais zelam pela organização e o bom serviço dos bolsistas de iniciação docente. O principal objetivo do projeto é assegurar o contato profissional dos graduandos com a prática docente antes da conclusão da graduação, para que assim os licenciados finalizem seus cursos com conhecimento prático e não apenas teórico sobre o ensino em sala de aula, pois muitos são os universitários que concluem a graduação sem conhecimento prático do ensino e sentem um choque quando iniciam a prática profissional na área.

Os colégios que apresentam nota abaixo da média no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) possuem prioridade para a adesão de projetos como o Pibid, já que ele funciona como uma ponte entre o ensino universitário e o ensino básico, oferecendo melhoria para todos os envolvidos. Assim, a universidade se beneficia ao preparar previamente os graduandos para a prática docente e o colégio obtém apoio em suas dificuldades apontadas pelo Ideb.

Podemos perceber que esse programa é um agente de inúmeras transformações, pois com suas ações, visando o desenvolvimento tanto dos alunos quanto do colégio tem mostrado para a comunidade escolar que é possível sim influenciarmos, moldarmos e prepararmos os alunos para um mercado de trabalho tão seletivo e muitas vezes opressivo. Têm sido viáveis todas as ações desenvolvidas pelo projeto, pois as evoluções em muitas situações surgem conseqüentemente nos provando que podemos continuar acreditando e investindo.

Diante disso, o PIBID em parceria com o corpo docente, direção, servidores e a comunidade em geral, tem trabalhado com oficinas de diversas temáticas nos mais diferentes âmbitos da área educacional. Recentemente esse processo tem se voltado para a leitura e produção textual e temos percebido bastante entusiasmo da parte dos alunos prestigiados com mais uma produção tendo como foco o estudante.

Nós, bolsistas de iniciação à docência temos levado o conhecimento através de figuras, vídeos, textos, dentre outros. Partindo do pressuposto de que o projeto objetiva o ensino pelo uso da imagem, temos atuado nas carências dos alunos e podemos citar: boa escrita, hábito da leitura, percepção e sensibilidade aos diversos caminhos que um texto nos revela, seja ele verbal ou imagético.

Enfim, o nosso foco maior continua sendo ver pessoas mais preparadas para o mercado de trabalho que não mede esforços em dizer um não para aqueles que, segundo eles, não estão nem um pouco aptos às necessidades da nossa sociedade. Já que a intenção principal é uma melhoria na educação, tentamos dar o melhor de nós para que futuramente os resultados sejam bastante satisfatórios e duradouros.

Percebe-se a importância do Pibid como grande auxiliador e divisor de águas na formação acadêmica e profissional dos estudantes de licenciatura. Pois este projeto possibilita a nós, bolsistas, conhecer a realidade escolar e comunitário de modo mais concreto do que apresentado através de teóricos. Não cabe aqui discriminar ou desmerecer os acadêmicos analisados durante a graduação, mas sim sentir de modo direto o que eles descrevem em seus estudos. Para que possamos compreender as dificuldades e os perfis das instituições de ensino nas quais desenvolveremos nosso empenho profissional.

Educação e Imagem

Para avaliar uma prática pedagógica que envolva o uso da imagem, vale refletir sobre a sua função na sociedade. Volpato (2003) subdivide a imagem em cinco vertentes, sendo elas a gráfica, a plástica, a fotográfica, a real e a virtual. Além disso, a autora afirma que

encontramos imagens auditivas e táteis. Diferente de Volpato (2003), Fagundes (2009) busca explicitar a função da imagem na sociedade contemporânea, pois ela não apenas se associa as artes, ao belo, mas é também um potente veículo emissor de informações. Neste sentido, a imagem comunica com a velocidade de observar com os olhos e exerce influência com velocidade similar, e quase sempre sem oferecer espaço de tempo suficiente para que o cidadão receptor reflita e questione a controle que sofre.

A própria cultura, segundo Fagundes (2009), apresenta tendências advindas do uso manipulador da imagem. Assim, os produtos são produzidos em série, e a propaganda, que nada faz além do uso massificador da imagem, usa o poder de persuasão para convencer o cidadão comum que os produtos ofertados são de necessidade indiscutível. Através destes métodos, a mídia propagandística apenas não convence o cidadão da suposta importância do produto oferecido, mas também se insere na rotina e cultura das sociedades. Isso se dá pelo jogo de oferecer ao público não apenas o produto, mas a idealização de que junto com a mercadoria, o cliente obterá bens emocionais, tais quais satisfação, realização e felicidade. Assim, antes mesmo de usufruir o produto, o cliente consome a propaganda e a ideia de satisfação por ela transmitida, daí a necessidade de concretizar a mensagem propagandística ao comprar o produto.

Observa-se que a sociedade é constituída pela concepção que ela faz de si mesma, deste modo torna-se verdade aquilo que se define coletivamente. Logo, o indivíduo é formado dentro de um conjunto e retorna sempre às ideologias do seu grupo para construir e reconstruir os seus valores. Desse modo, a sociedade, antes de se constituir materialmente, possui uma imagem simbólica/imagética de si, sua representação ideológica, e, nesse sentido, busca materializar-se, trazendo para o palpável/visível todo o simbolismo que a represente, e isto acontece, frequentemente, através de produções visuais e imagéticas. Compreende-se então que as imagens acarretam valores culturais, e por conta disto, Volpato (2003) defende que a educação básica deve acolher a concepção de que as imagens contêm informações, isto é, metáforas, que nasceram da necessidade da sociedade de construir significados.

Assim, para a autora, estudar imagem significa estudar culturas, isto é, a cultura da própria imagem. Como um texto corrido traz consigo características da cultura da sua língua, a imagem também acarreta sinais de sua cultura. Entendemos então, que o homem, o criador da imagem, é, dentre outros, resultado da cultura na qual está inserido. Daí compreendemos que a imagem é um produto social confeccionada para seus grupos e indivíduos; porém seu excesso produtivo, pode estar causando, segundo Volpato (2003) um desequilíbrio de valores culturais. Neste sentido, questiona-se, sem respostas aparentes, se existe mesmo um

desequilíbrio cultural ou estamos em fase de mesclas de culturas que são resultado da proximidade virtual causada pelas multimídias digitais.

Considerando as exigências da sociedade, Pereira (2004) argumenta que “as imagens não respondem simplesmente as demandas sociais, elas as transformam” e “elas não são apenas ‘obras de arte’ – embora haja arte nelas. E muito menos ilustração de um texto”. Ou seja, a imagem, tem, sobretudo, o poder da representação, porém não apenas como um reflexo da realidade, mas também o de representar tornando presente novamente, além de apontar tendências nas modificações que as sociedades sofrem.

Neste sentido, busca-se analisar a necessidade de trabalhar a imagem em sala, como material pedagógico interpretável, de peso igual ou semelhante ao texto corrido. Para isto, Volpato (2003) propõe uma interpretação de cunho crítico, já que a educação crítica assegura ao discente uma autonomia interpretativa, interpretação esta independente da cultura inerente à imagem analisada. Pois a autora relata que ao analisar textos visuais, compreendemos mais detalhadamente a nossa própria realidade dentro das características impostas pela nossa própria cultura.

Essa interpretação crítica se difere do que faríamos caso apenas consumíssemos as imagens passivamente, abrindo espaço para a “semieducação” discutida por Fagundes (2009), onde a exposição para as imagens não permite ao leitor se adentrar detalhadamente na cultura delas e questioná-las, já que o que deveria ser produto cultural (imagem) tornou-se produto consumível e comercial. Deste modo, quando analisadas detalhadamente, notamos que as imagens preenchem toda a nossa rotina, e sendo arte, refletem de algum modo a realidade. Por conta disto, conforme discutido anteriormente, analisando-as criticamente compreendemos a nossa própria realidade de modo mais aprofundado.

Concordando com Fagundes (2009) torna-se imprescindível analisar a imagem como um dos elementos de formação estético cultural, o que levanta a necessidade inquestionável de uma “alfabetização visual” que garanta ao aluno criticidade diante das mensagens imagéticas presentes em todas as instâncias no decorrer de sua vida. Pois, segundo o teórico, estamos vivenciando um momento de total império da imagem. Isso por que parece existir uma inversão textual, onde os imagéticos falam muito mais e de modo mais econômico do que textos escritos, o que nos leva a compreender que existe um “predomínio das imagens sobre as palavras” (FAGUNDES, 2009).

Assim, Volpato (2003) aponta o ensino interpretativo de imagens bem como ensinar a interpretação de modo geral como ponto de partida central para o êxito na educação. Isso porque o alunado, quando capaz de interpretar critica e autonomamente, poderia tornar-se

mais questionador diante de monopólios ideológicos e interpretativos, desprendendo-se assim, inclusive, da concepção tradicional de que a interpretação do professor é a única correta/aceitável. Porém, considerando o bombardeio imagético em todas as instâncias do homem comum e a digestão automática destas mensagens visuais sem tempo prático de questionar o que é jogado em forma de imagem diante do leitor, questiona-se como o professor, intermediário do conhecimento, seria capaz de apontar ao aluno como interpretar imagens, quando vez ou outra o próprio docente se torna vítima desta poluição imagética e nem mesmo ele consegue fazer, constantemente, uma interpretação devidamente detalhada de todas as imagens que lhe são bombardeadas.

Similar a Volpato (2003), Fagundes (2009) defende a educação imagética com foco máximo na melhoria do ensino e no aluno: uma alfabetização visual que assegure uma emancipação educacional, pois um ensino sem direcionamentos sobre leitura imagética com teor crítico orientaria os discentes ao caminho da já citada “semieducação”.

Neste sentido, compreendemos que todas as áreas do conhecimento podem ser ministradas apresentando seus conteúdos por intermédio de recursos visuais. Porém, Volpato (2003) caracteriza a disciplina de Artes como um dos melhores instrumentos para ensinar imagem, pois ao ensinar artes, ensina-se também a imagem, o que garante uma posição diferenciada a esta disciplina em relação ao uso deste instrumento metodológico. A autora ainda argumenta que “em algumas disciplinas a imagem pode ilustrar o conteúdo, enquanto que nas aulas de arte, o objetivo de estudo é a própria imagem”: a imagem é a ferramenta, mas também é o tema da atividade, assim, ela representa a si e é sua própria fonte de estudos. O que nos faz pensar que, segundo a teórica, em alguma fase a imagem sempre possuirá um caráter secundário de ferramenta transportadora de informações nas outras áreas de conhecimento, isto é, ela é usada em sala de aula para representar outras coisas e não a si mesma. Independente ou não das Artes em relação as outras disciplinas, no tocante a imagem, reconhece-se aqui, a importância de usar esta disciplina como ferramenta auxiliadora na interpretação imagética de todas as outras disciplinas em sala.

Assim, compreendemos que o ensino de imagens, bem como seu uso como material pedagógico é de total importância para a educação básica atual, de modo a intermediar o aluno não apenas em sala, mas também durante experiências fora de aula, nas quais o discente se encontra mais exposto à informações de todo tipo, especialmente visuais, por tempo superior ao que ele permanece na instituição de ensino. Por isso, cabe ao professor usar o perfil persuasor das imagens como material de apoio a favor da ascensão educacional do

estudante, de modo que o mesmo não apenas seja um passivo receptor de informações autoritárias disfarçadas pela arte que a imagem contém.

Relato de intervenções durante oficina de leitura e escrita

Por intermédio da Oficina de Leitura e Escrita, ministrada no Colégio Estadual Normal Arnaldo de Oliveira, objetivamos contribuir para a melhoria do processo de leitura e escrita dos discentes do ensino médio da entidade citada. Para isso trabalhamos em habituar os discentes a prática da leitura através da apresentação de diversas estratégias sobre como ler e escrever; levantar discussões que estimulem a interpretação de textos tanto orais quanto escritos e visuais; refletir a importância da prática de leitura imagética num contexto de grande dinamismo de veiculação de textos diversos, como o computador e multimídias; realizar leitura de tirinhas, propagandas ou textos informativos bem como analisar variados gêneros textuais em sala.

A metodologia aplicada na oficina se desenvolve a partir de núcleos temáticos de aula. Deste modo, analisam-se técnicas de redação e escrita, e em associado, discutem-se temáticas predeterminadas que servirão de embasamento para as produções em sala. Em cada aula, realiza-se leitura imagética de modo a desenvolver o criticismo através da análise visual. Junto a isto, realizam-se leituras e discussão de textos corridos, seguidos de atividades, ou ainda, visualizações de vídeos curtos que embasem ainda mais a produção final dos discentes. Percebemos assim que, antecedente a solicitação de produções escritas, necessitamos levar informações diversas e em diferentes mídias, seguidas de discussões e inferências, para que o corpo alunado tenha embasamento para realizar produções textuais bem fundamentas. Assim, questionamos se a raiz da deficiência de escrita dos alunos está na ausência de conhecimentos técnicos sobre produção textual ou na ausência de informações, isto é, conhecimentos de jornais, livros, textos, dentre outros, que assegurem a confecção de ideias bem problematizadas sobre as realidades dos alunos.

Deste modo, para levantar discussão sobre temas inseridos no contexto atual dos alunos caenenses, além da gramática com foco no bom uso da pontuação e a atenção para produções escritas que se apresentem coesas/coerentes, debatemos tópicos como a política em todas as suas instâncias, a influência midiática nos padrões de beleza da sociedade atual, e por fim, realizamos uma análise histórico - ideológica dos partidos eleitorais que disputam o pleito na cidade de Caém-BA.

A Oficina de Leitura e Escrita é ministrada em dois turnos: vespertino e noturno, nas terças, quartas e quintas feiras em horário oposto ao das aulas dos alunos. Em sala, desenvolvemos um trabalho voltado para o crescimento e soma ao conhecimento dos discentes que foram contemplados com a oficina, pois conhecemos a necessidade de se ter uma boa escrita e um poder de persuasão forte. Por isso, solicitamos aos discentes, durante os primeiros encontros da Oficina, que realizassem produções escritas para que as analisássemos como material de diagnóstico e pudéssemos perceber quais são as carências do alunado e em quais pontos eles apresentam maior dificuldade. No processo de leitura dos textos produzidos pelos estudantes, percebemos nitidamente que eles precisam de auxílio para desenvolver argumentos bem elaborados, de maneira que consigam transmitir através das palavras aquilo que acreditam e/ou defendem. Esta atividade de diagnóstico nos assegurou conhecimento mais amplo sobre o terreno no qual estávamos pisando para que posteriormente trabalhássemos em cima das deficiências identificadas, de modo a nos centrar nas lacunas existentes, para que fosse possível reduzi-las em curto prazo ou fechá-las a longo.

Um ponto bastante positivo e digno de relevância é a ajuda e empenho por parte da direção do Colégio Estadual Normal Arnaldo de Oliveira. Percebemos o entusiasmo da mesma sempre procurando o que necessitamos e oferecendo-nos suporte para todas as ocasiões. Deste modo, avaliamos o apoio da direção escolar como algo de extrema importância, já que um trabalho em grupo, para que seja bem executado, exige a movimentação de todos aqueles inclusos nele.

Como o subprojeto do Pibid do qual fazemos parte, intitulado *Educação pela Imagem: Formação Cultural, leitura e escrita*, é baseado na educação tendo recursos imagéticos como principal ferramenta metodológica, geralmente fazemos uso de recursos visuais e musicais para que desta forma o trabalho se torne muito mais envolvente e receba uma grande aceitação da parte dos alunos, assim, trabalhamos a imagem no ensino de modo aplicada, isto é, recursos visuais é o nosso primeiro material metodológico.

Partindo-se desse pressuposto do uso de figuras, símbolos, nós acabamos por associar aquilo que estudamos com a nossa vida seja ela familiar, profissional, entre amigos, enfim, social. Conseqüentemente, isso nos leva a abrir nossa mente, permitindo-nos se expressar, questionar, duvidar e não ser apenas um ouvinte passivo. Conscientes disto solicitamos que os alunos da Oficina de Leitura se expressem, embora em geral, todos se apresentem bastante acanhados inicialmente, porém com o decorrer da mesma eles ficam mais a vontade para participação, assim boa parte dos alunos se envolvem bastante nas nossas atividades, eles riem, se divertem e ao mesmo tempo aprendem.

Ao final da oficina, as atividades aplicadas se converterão em pareceres avaliativos na caderneta escolar do aluno referente à unidade letiva na qual o estudante frequentou as aulas. Os alunos têm o compromisso de estarem no colégio em turno oposto ao que eles estudam, para que tudo que o que foi estudado nas aulas da Oficina de Leitura e Escrita sirva de avaliação do perfil de escrita e leitura do discente, de modo a revelar seus níveis de conhecimento em relação aos tópicos estudados.

Devido a todos esses temas que explicitamos acima, detectamos algo que julgamos ser um ponto fraco em toda essa educação, o qual traz como foco central de produção textual no ensino básico o texto padronizado, isto é, verbal. Deste modo, trabalhamos com textos visuais para uma melhoria na produção dos alunos. Questiona-se quando o currículo oferecerá espaço para que o professor possa trabalhar textos visuais em sala e tenha autonomia para solicitar dos discentes produções textuais também de cunho visual, de modo a priorizar o ensino e conseqüentemente a produção imagética. Quando o orientador tiver autonomia para trabalhar imagem e, em associado, solicitar produções textuais de cunho visual, testemunharemos muita evolução no saber ler um símbolo e seu significado, o qual é muitas vezes indizível, e não apenas o óbvio.

Todo esse projeto do PIBID tem repercutido de forma bastante positiva em nossa vida profissional e pessoal, pois nós temos crescido em diversas áreas voltadas ao convívio com pessoas, como nos portar diante das mais diversas situações, as quais exigem de nós bastante atenção, paciência, reflexão para que possamos ser abertos ao processo necessário e contínuo de mudança e evolução de nós, seres humanos. Nossa visão de como se posicionar em sala de aula, tem se ampliado, pois o Pibid tem como foco a iniciação à docência, de maneira que possamos nos familiarizar com o ambiente escolar, suas deficiências, necessidades e momentos que acabam surgindo com a prática de atividades em salas de aula, coisa que a teoria comumente não nos mostra.

REFERÊNCIAS

- FAGUNDES, André Luís de Oliveira. *O Poder Formativo Das Imagens E Suas Implicações Pedagógicas*. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). 2009
- MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre. Artes & Ofícios. 1995.
- PEREIRA, Maria Cristina C. L. *Uma arqueologia da história das imagens*. In: GOLINO, William (org). *Seminário: A importância da teoria para a produção artística e cultural*. Vitória, UFES, maio 2004.

VOLPATO, Edite. *Cultura, Imagem e Educação*. Universidade do Estado de Santa Catarina – (UDESC), 2003.